

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1997). “Ensino de gramática em uma perspectiva textual-interativa e qualidade de vida” in HILGERT, José Gaston et alii (orgs.). **Formando uma sociedade leitora**. Passo Fundo, RS: EDIUPF (Editora da Universidade de Passo Fundo), 1999: 237-242.

Ensino de gramática em uma perspectiva textual-interativa e qualidade de vida

Luiz Carlos Travaglia¹

A proposta de ensino de gramática que apresentamos e defendemos só faz sentido a partir do momento em que se pressupõe que em nossas escolas queremos propiciar atividades de ensino-aprendizagem que permitam aos alunos se prepararem para a vida que têm e terão dentro de uma sociedade, com uma determinada forma de cultura, incluindo-se nesta tudo o que representa o modo de ser da sociedade, o modo de ver o mundo e de constituir as relações entre os membros dessa sociedade.

Ao buscarmos enfocar questões ligadas ao ensino de língua materna numa perspectiva que tangencia a visão da língua como forma de atuação social e/ou exercício de cidadania, podemos, entre muitos outros pontos, levantar a questão da relação da gramática com a qualidade de vida das pessoas, particularmente dos nossos alunos. E podemos afirmar logo de partida que a gramática tem uma relação direta com tal qualidade de vida.

Muita gente, com certeza, se perguntará: mas o que a gramática tem a ver com qualidade de vida?

Certamente, essa estranheza se justifica por uma série de pressupostos, e o “mas” colocado no início da pergunta já evidencia a pressuposição de que a gramática de uma língua e seu ensino nada têm a ver com qualidade de vida.

¹ Universidade Federal de Uberlândia.

Portanto, fica a pergunta se a gramática e o ensino de gramática afetam ou não, estão relacionados ou não de alguma maneira à qualidade de vida das pessoas. Evidentemente a resposta a esta questão depende de estabelecermos alguns pontos importantes que certamente darão forma ao pensamento de cada um sobre o problema.

Em primeiro lugar, deve-se lembrar que a linguagem dá forma a nosso mundo e a nossa vida sociocultural e ao mesmo tempo reflete como e por que as pessoas de uma sociedade e cultura se relacionam, como vêem o mundo, etc. Isso quer dizer que o que acreditamos, o que aceitamos, o que recusamos, nossos preconceitos, nossos sonhos, ideais e idéias, nossas relações, o que vemos ou deixamos de ver em nosso mundo empírico e social, etc. é tudo enformado pela linguagem, sobretudo pela língua, ao mesmo tempo em que tudo isso também dá forma à língua em suas regularidades que permitem a comunicação. Assim, parece óbvio que mover-se nessa sociedade de maneira adequada implica saber perceber como tudo o que constitui esta sociedade e sua cultura é simbolizado e significado na língua. Dessa forma, só de posse desse instrumento, as pessoas serão capazes de se mover sem maiores dificuldades dentro da sociedade e sua cultura, porque serão capazes de perceber o sentido/significado e a direção do dizer. A língua será vista, pois, como uma forma de interação comunicativa dentro de uma sociedade.

Em segundo lugar, é preciso pensar por que se dá aulas de uma língua para falantes nativos dessa língua (porque se dá aulas de português a brasileiros falantes nativos dessa língua). Certamente, não é para ensinar a falar a língua, a se comunicar através dela porque os falantes nativos já o aprenderam de forma "natural" desde seus primeiros anos de vida. O que queremos de nossos alunos e para nossos alunos em nossas aulas de língua materna? Que eles se transformem em bons analistas da língua? Analistas capazes de identificar e classificar unidades, funções, etc.? Pessoalmente, não acreditamos que seja isso. Acreditamos que tal ensino só pode ter como fim principal e fundamental o desenvolvimento da competência comunicativa já adquirida pelo falante, entendendo-se esse desenvolvimento como o possibilitar ao falan-

te utilizar cada vez um maior número de recursos da língua de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. Evidentemente, essa opção em termos de objetivo para o ensino de língua materna tem grande relação com a concepção de língua que explicitamos anteriormente.

Em terceiro lugar, a resposta à questão levantada no início desta exposição vai depender de como se concebe o que é gramática.

Se se entender gramática como uma teoria, constituída, por exemplo:

a) por um conjunto de classificações de unidades lingüísticas e de funções que estas podem exercer na cadeia lingüística;

b) pela explicitação de mecanismos de funcionamento da língua e coisas semelhantes, talvez a gramática tenha pouca coisa a ver com qualidade de vida. Por exemplo: em que melhora a vida de uma pessoa saber dizer qual é o objeto direto, o sujeito de uma frase, dizer se uma palavra é verbo ou substantivo ou pronome? Parece-nos que em nada. Isso serve, quando muito, para um sucesso na avaliação escolar ou para aqueles que têm profissões ligadas à análise da língua.

Por outro lado, se se entender a gramática não como teoria lingüística, mas como o conjunto de conhecimentos lingüísticos que um usuário da língua tem internalizados para uso efetivo em situações concretas de interação comunicativa, então, sem dúvida, a gramática tem tudo a ver com a qualidade de vida, pois quanto mais recursos, mecanismos, estratégias da língua o usuário dominar, melhor desempenho lingüístico terá. Como expusemos, as condições de existência sociocultural são grandemente dependentes da língua; assim, quanto mais domínio dos recursos e mecanismos desta tiver, melhor a pessoa se movimentará dentro desta sociedade e, portanto, melhor qualidade de vida terá.

De tudo isso é que advém a proposta que temos feito em diferentes circunstâncias de um ensino de gramática que seja pertinente para a vida, possibilitando que a pessoa viva

melhor porque consegue veicular pela língua os significados que deseja e compreender melhor os significados que chegam até ela e de que forma chegam, sendo capaz de perceber estratégias argumentativas, significativas e de relação social e cultural concretizadas no dizer. Ou seja, o falante da língua será capaz de se colocar muito melhor na relação com os outros, com a sociedade e a cultura em que vive, tanto no que diz respeito à possibilidade de estabelecer os significados, os efeitos de sentido que deseja como no que diz respeito à apreensão dos significados, dos efeitos de sentido que os outros estão lhe propondo em interações diversas. Um falante com tal capacidade tem uma qualidade de vida muito maior, pois consegue se colocar como sujeito nas relações sociais, consegue utilizar a língua para a consecução de seus objetivos.

Um ensino de gramática pertinente para a vida e capaz de ter influência na qualidade de vida das pessoas (nossos alunos), por tudo o que dissemos até aqui, será sem dúvida um ensino de gramática que desenvolva a competência comunicativa do falante, isto é, a capacidade de o falante usar cada vez mais recursos da língua e de forma adequada a cada situação de interação comunicativa. Esse ensino terá que ser estruturado não como um estudo e trabalho que encara a gramática como uma teoria a ser utilizada em análises linguísticas. Esse ensino será construído sobre uma concepção que vê a gramática² como o próprio estudo e trabalho com a variedade dos recursos linguísticos colocados à disposição do produtor e receptor de textos para a construção do sentido. Portanto, a gramática vista como o estudo das condições linguísticas da significação.

Dessa forma, para concretizar um pouco o que dissemos, num exemplo como o de (1) abaixo³, em nossa proposta de ensino, importa pouco discutir aspectos formais, tais como a presença de imperativo, presente do indicativo, futuro do presente, gerúndio ou infinitivo, etc.; a presença ou ausência de modalizador, bem como outros aspectos de classifica-

² Para essa concepção de gramática, veja também FRANCHI (1987:35) e TRAVAGLIA (1996:235). Para a concepção de ensino de gramática aqui proposta, veja TRAVAGLIA (1996).

³ Exemplo tirado de TRAVAGLIA (1996:200-201).

ção dos constituintes de cada alternativa. Importa muito mais discutir qual é a diferença de sentido entre as diversas formas de “ordenar” e em que tipo de situação cada uma delas pode ser utilizada de forma adequada à produção não só do efeito de sentido de levar alguém a fazer algo (injunção), mas também, por exemplo, de preservar ou não sua face (dando uma ordem direta ou apresentando-a como uma sugestão), de atender a ditames de cortesia, de convencer o outro, de lhe dar ou não chance de recusar, de ser a primeira vez que se faz a injunção ou não, discutir qual forma usar quando se pensa que o interlocutor não está disposto a fazer o que pretendemos que ele faça, entre outros aspectos. Essa segunda gama de questões muito mais voltadas para a significação e suas condições de realização dentro da situação de interação comunicativa é, a nosso ver, mais pertinente para a vida do aluno, como usuário da língua.

- (1) A) Levante o maior número de formas que podemos utilizar para determinar que alguém faça algo.
B) Procure explicitar em que condições cada uma pode e/ou deve ser usada e se há diferenças de sentido entre elas.
- a- E se vocês fizessem o exercício?
 - b- Que tal fazer o exercício?
 - c- Fazer o exercício (da página X). (escrito)
 - d- É bom fazer o exercício.
 - e- É bom que vocês façam o exercício.
 - f- Você deve fazer o exercício.
 - g- Faça o exercício!
 - h- Faça o exercício, por favor!
 - i- Faz o exercício!
 - j- Fazendo o exercício...
 - l- Eu quero que vocês façam o exercício.
 - m- Eu te ordeno que faças o exercício.
 - n- Farás os exercícios hoje à noite.

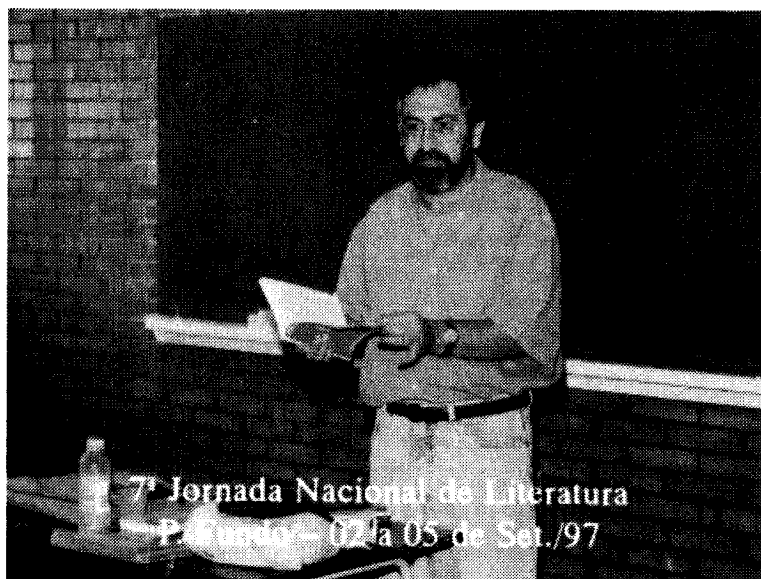
Por tudo o que foi dito até aqui, fica posta a nossa posição de que é possível realizar um ensino que faça da gramática um instrumento, entre outros, para a obtenção de maior qualidade de vida, que permita às pessoas viver de forma

melhor. Lembrando que nós nos comunicamos através de textos, será um ensino de gramática dentro de uma perspectiva textual-interativa.

Uberlândia, março de 1997.

Referências bibliográficas

- FRANCHI, Carlos (1987). Mas o que é mesmo gramática? In: *Trabalhos em lingüística aplicada*, n.9. Campinas: IEL/Unicamp, pp. 5-45.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1996). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez.



Luiz Carlos Travaglia